

A ECONOMIA BRASILEIRA NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA, UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

THE BRAZILIAN ECONOMY IN THE POST-PANDEMIC PERIOD, AN EXPLORATORY STUDY

Wilson de Jesus Beserra de Almeida

Pós-doutor pela Georgetown University em Washington DC.

Coordenador do Mestrado em Gestão Estratégica da UniAlfa

E-mail: wilson.almeida@unialfa.com.br

Recebido em 13 de março de 2020

Aprovado em 15 de julho de 2020

Resumo

Os impactos que a Coronavirus disease COVID 19 tem causado nas economias de todos os países é muito grande. Provavelmente o maior depois da grande crise de 1929, na América Latina e, mais precisamente, no Brasil. Este artigo analisa a interdependência criada pelas relações da região com a China e os possíveis desdobramentos após a crise. As consequências sobre a economia do Brasil será objeto deste estudo e esta será a contribuição para o estudo da crise e seu impacto sobre as empresas, as famílias e o governo. O método usado foi o estudo e análise de pesquisas feitas por organizações como FMI e PNUD que se dedicam a isto e têm credibilidade.

Palavras-chave: COVID 19; Comércio Internacional; Economia Brasileira.

Abstract

The impact that COVID 19 has had on the economies of all countries is very large. Probably the biggest after the great crisis of 1929, in Latin America and, more precisely, in Brazil. This article analyzes the interdependence created by the region's relations with China and possible developments after the crisis. The consequences for the economy of Brazil will be the object of this study and this will be the contribution to the study of the crisis and its impact on companies, families and the government. The method used was the study and analysis of research carried out by organizations such as the IMF and UNDP that are dedicated to this and have credibility.

Keywords: COVID 19; International Trade; Brazilian economy.

Introdução

A presença da China nos países em desenvolvimento, principalmente da América Latina, teve início em 1960, em Cuba e, tem sido cada vez mais forte a partir dos anos 2000. A forma como ela tem sido exercida tem evoluído e se sofisticado. Inicialmente, representava somente o comércio de bens, serviços e tecnologia. Em seguida passou para empréstimos e investimento externo direto e finalmente, passou à compra de empresas e títulos dos governos exercendo importante influência, mesmo política, em quase todos os continentes do planeta.

Segundo o NUPRI da USP, há um plano chinês que estabelece eixos para exercer sua influência sobre a parte subdesenvolvida do planeta, 1)harmonia; 2)inclusão, por meio de acordos bilaterais, cooperação econômica e acordos de livre comércio; 3)equilíbrio múltiplo, isto é, maior participação nos países em desenvolvimento; e 4)o princípio do benefício mútuo e ganho compartilhado (YUAN, 2019).

A China, tem intenção de promover a liberalização e a facilitação de comércio e dos investimentos mundiais, opondo-se a práticas comerciais protecionistas, pelos Estados Unidos e da Europa. (YUAN, 2019).

O surgimento da COVID-19 alterou significativamente os planos anteriores de comércio e investimento, em todo o mundo, entretanto, entender como se comportam os governos dos países da América Latina em relação ao surto do vírus e suas consequências políticas, econômicas e de saúde pública e, como fica a sua relação com a China continental, local onde surgiu o vírus e que se houve muito bem para conter a epidemia. O objetivo deste artigo é apresentar para estudiosos do tema algumas ideias sobre como está reagindo a América Latina ante a COVID-19, um pouco e história deste relacionamento e como a AL se conduzirá após os efeitos devastadores da pandemia global.

Efeitos sanitários

A COVID-19 é uma pandemia, doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, entretanto o primeiro caso somente foi reportado em

31 de dezembro do mesmo ano. Algumas pesquisas, mesmo nos EUA, apontam que o vírus tenha uma origem zoonótica, porque os primeiros casos confirmados tinham principalmente ligações ao Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, que também vendia animais vivos.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto ou a amplitude global da pandemia. O Presidente dos EUA, Donald Trump, tem acusado a OMS, de omitir informações do resto do mundo, favorecendo a China continental. Trump inclusive suspendendo (May 29 2020) a ajuda de meio bilhão de dólares à OMS, de forma definitiva. Os EUA é o país que mais contribui com a OMS. CNBC (2020)

Até 31 de maio de 2020, pelo menos 6 054 187 casos da doença foram confirmados em mais de 188 países e territórios, com grandes surtos nos Estados Unidos (cerca de 1 805 745 casos), Brasil (mais de 498 000 casos), Rússia (mais de 396 000 casos), Reino Unido (mais de 272 000 casos), Espanha (mais de 239 000 casos), Itália (mais de 232 000 casos), Alemanha (mais de 183 000 casos), Índia (mais de 173 000 casos), Turquia (mais de 163 000 casos), França (mais de 151 000 casos) e China continental (mais de 83 000 casos). Pelo menos 368 711 pessoas morreram (quase 105 000 nos Estados Unidos, mais de 38 000 no Reino Unido, pelo menos 33 000 em Itália, mais de 28 800 no Brasil, por volta de 28 700 em França, cerca de 27 100 em Espanha e pelo menos 4 600 na China) e 2 562 191 foram curadas.

É importante ver que o Brasil, com quase 500.000 está entre os países que mais evoluíram na COVID-19, principalmente por ser o país que pior tratou este desafio gravíssimo. O Presidente Jair Bolsonaro declarou que não acreditava na capacidade letal do vírus e estimulou seguidores a fazer o mesmo. Foram trocados dois ministros de estado da saúde em plena crise sanitária e atualmente um general do exército é o ministro da saúde.

Durante o aparecimento e evolução do vírus na AL, foi possível notar que há forte inter-relacionamento entre esta e a Europa. Por isso, os primeiros casos do Brasil, Argentina, Peru e Equador vieram da Europa – Espanha e Itália – e não de Wuhan. A América Latina tem evoluído no aumento de casos e mortes, porém de forma desigual, o Chile, por exemplo, evoluiu bem em um primeiro momento, entretanto autorizou muito

cedo a abertura dos espaços comerciais e de lazer e o surto voltou, atualmente o governo chileno volta a decretar paralização das atividades outra vez.

Efeitos econômicos

O Fundo Monetário Internacional (FMI) estimou recentemente (May 2020) que, em média, as economias europeias deverão encolher 7,4% em 2020 e que a recuperação das economias europeias não se dará antes de 2022. Para a AL, o FMI prevê uma queda no PIB de 5,3% e a recuperação pode ser ainda mais lenta.

Segundo Kupfer (2020), “Com base em dados de abril e indicadores antecedentes de maio, está em curso uma segunda onda de revisões, para pior, das projeções para a evolução da economia, em 2020 e 2021”. A contração da economia brasileira, prevista para ser em torno de 4% a 5%, pelo FMI, agora está estimada para algo em torno de 7,5% e 8%. Depois de divulgados os números da atividade econômica efetiva de abril e maio - os dois primeiros meses cheios da pandemia no país -, não será surpresa se as previsões apontarem para 10% de retração do PIB, a maior de toda a história do Brasil.

A Europa, assim como a África, boa parte da Ásia e América Latina tentarão cortar gastos para acomodar a enorme dívida que estão assumindo para combater o COVID-19, todos eles enfrentam pressões sanitárias e econômicas concomitantemente. A Europa e os EUA terão que cortar então os gastos com ajuda ao desenvolvimento ou programas de fortalecimento para África e América Latina a lidar com seus próprios problemas relacionados ao COVID-19.

Por outro lado, a China (RPC) com suas reservas, recursos para investir em infraestrutura na AL, já planejados em programas anteriores, como por ocasião da reunião dos BRISCS, em Brasília (Nov 2019). Considerando as imensas dificuldades que os governos dos países locais irão enfrentar, certamente estarão interessados e obrigados a receber grandes somas em empréstimos. Portanto a América Latina cuja economia deverá contrair mais de 7%, com o desemprego em níveis assustadores, o Brasil já tem mais 20 milhões entre os novos desempregados depois da COVID-19, será um território propício à expansão à influência chinesa, que já é grande. ZÁRATE (2019)

A América Latina tem laços importantes e estratégicos com a China, as relações econômicas cresceram vertiginosamente nas décadas recentes, por meio de empréstimos, investimentos estrangeiros diretos e principalmente do comércio.

Considerando a influência comercial dos EUA nos países da América Central, Caribe e América do Norte, os principais parceiros de comércio dos chineses na região são o Brasil, a Argentina, o Chile, o Peru, a Colômbia e a Venezuela, cujas exportações estão concentradas em poucos produtos, que representam 75% das exportações da América Latina: soja, carnes, petróleo, minério de ferro e cobre. ZÁRATE (2019)

Em dados do PNUD da ONU, no ano de 2000, o comércio da China com a América Latina somou pouco mais de US\$12 bilhões. Em 2010, havia crescido quase dez vezes mais, para cerca de US\$118 bilhões e em 2018 US\$306 bilhões. A previsão é de chegar a US\$ 370 bilhões em 2020, segundo Almeida (2020).

Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (ECLAC) da Organização das Nações Unidas, em 2015 a China ultrapassou a União Europeia tornando-se o segundo maior mercado de exportação da América Latina logo abaixo dos Estados Unidos, e que em 2020 a China provavelmente representará em torno 20% do total das exportações da região e seu primeiro parceiro PNUD (2020). Comparando o desempenho do comércio com a Europa, em 2018, a AL alcançou US\$230,2 bilhões, com toda a Europa, comparados com US\$ 535,7 bilhões com a China, no mesmo ano. Para Brasil, Chile, Peru e Argentina, por exemplo, a China já é o primeiro parceiro comercial, em 2020.

A COVID-19 tem efeitos econômicos como consequência das medidas que autoridades adotam para evitar maior disseminação do vírus como fechamento de fábricas, comércio e serviços. Autoridades como o ministro da Economia da França, Bruno Le Maire, veem a epidemia como uma chance de mudança importante no âmago da globalização, considerando a vulnerabilidade das cadeias de fornecimento interligadas internacionalmente. O surto e suas consequências teriam, segundo ele, revelado uma dependência "irresponsável e irracional" em relação à China.

Em relação à América Latina a Europa, historicamente um parceiro importante para o continente latino americano, agora combalida dedicará menos atenção e recursos,

por exemplo, comércio e turismo, e mais relevante, diminuirá sua presença corporativa na região.

No período que se seguiu à crise financeira de 2008, empresas europeias como Repsol, Statoil, Iberdola e tantas outras buscaram reforçar suas posições financeiras enfraquecidas alienando ativos, muitos dos quais comprados por empresas chinesas.

Considerações finais

O impacto político, cultural e socioeconômico da COVID-19 pode causar alterações profundas na sociedade global.

Algumas podem ser visualizadas antecipadamente como o aumento do tele trabalho, a regionalização e redefinição das cadeias de fornecimento regionais e principalmente globais. A educação à distância, em todos os níveis de educação e a redução das viagens, sobretudo as de longa distância, quase sempre desnecessárias, aumentando o aquecimento global.

O ministro da Economia da França, Bruno Le Maire, vê a epidemia como uma chance de mudança para a globalização, em vista da vulnerabilidade das cadeias de fornecimento interligadas internacionalmente. O surto e suas consequências teriam, segundo ele, revelado uma dependência "irresponsável e irracional" em relação à China, criando, portanto, uma séria dependência em relação aos produtos chineses. A indústria mundial, mesmo as dos EUA, Europa e Japão descobriram, da pior forma, que precisam encontrar formas de autonomia nas suas cadeias produtivas.

Outro ponto importante nesta discussão é uma possível reversão da globalização mais ampla, sobretudo no que diz respeito a cadeias de fornecimento globais e a dependência de potências industriais como a China e outros países da Ásia. O mundo percebeu que há hoje uma profunda e perigosa dependência dos produtos chineses, principalmente.

Referências bibliográficas

Coronavirus COVID-19. Global Cases by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). Accessed in May 31 2020.

<https://www.cnn.com/2020/05/19/trump-threatens-to-permanently-cut-off-who-funding-withdraw-us-membership.html>. Accessed May 31 2020.

<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2019/como-o-covid-19-ira-afetar-as-economias-na-america-latina-e-no-c.html>

YUAN, Li. Un aporte al mundo. *China Hoy*, [s. l.], v. LX, n. 1, 2019.

ZÁRATE, Miguel. China ha mostrado al mundo sus éxitos en estos 40 años. *China Hoy*, [s. l.], v. LX, n. 1, 2019.